

O MAIS FASCINANTE ACONTECIMENTO DO SÉCULO XVIII,
CONTADO MINUTO A MINUTO, NUM ROMANCE
CORAL, VIBRANTE, SENSORIAL E HUMANO

RE SSU RRE CTA

VIC ECHEGOYEN

Tradução de
GONÇALO NEVES





LEGENDA

Baldios que restaram ao terreno de 1755 ou foram por eles.

• que em grande parte restaram ao rebolado lapidado.

• que foram destruídos ou quasi destruídos.

Convenções e igrejas fundadas ou reconstruídas n'outras sítios depois do terremoto.



N. N. — de norte, ao geral, são as indicações para convenções das convenções, que estão feitas não se poder obter prazos sobre as suas partes d'elles.



- | | | | |
|---|----------------------------------|--|-------------------------------|
| 1.—Praça de Alameda | 22.—Convento de S. João | 45.—Convento das Paulinas | 67.—Igreja de N. S. da P. |
| 2.—Convento de N. S. do Lacerdoso | 23.—" de S. Francisco | 46.—Parochial Igreja de Santa Catarina | 68.—Parochial Igreja de S. |
| 3.—Praça de Alameda | 24.—" de S. Jeronymo | 47.—Igreja de N. S. do Lacerdoso | 69.—Igreja de N. S. de L. |
| 4.—Baldio | 25.—Parochial Igreja de S.º João | 48.—Praça de S. Paulo | 70.—Parochial Igreja de S. |
| 5.—Convento de S.º Antonio, das Religiosas Franciscanas | 26.—Praça de S.º João | 49.—Parochial Igreja de S.º Paulo | 71.—Santas Casas de S.º Paulo |
| 6.—Igreja e Palácio de N. S. das Necessidades | 27.—Praça de S.º Pedro | 50.—Praça de S.º Paulo | 72.—Convento de S.º Paulo |
| 7.—Igreja de N. S. das Formosas | 28.—Praça de S.º Pedro | 51.—Alameda | 73.—Praça de S.º João |
| 8.—Convento de S.º Antonio, das Necessidades | 29.—Praça de S.º Pedro | 52.—Praça de S.º Paulo | 74.—Praça de S.º João |
| 9.—Praça de S.º Antonio, das Necessidades | 30.—Praça de S.º Pedro | 53.—Praça de S.º Paulo | 75.—Praça de S.º João |
| 10.—Praça de S.º Antonio, das Necessidades | 31.—Praça de S.º Pedro | 54.—Praça de S.º Paulo | 76.—Praça de S.º João |
| 11.—Convento de N. S. da Estrella | 32.—Praça de S.º Pedro | 55.—Praça de S.º Paulo | 77.—Praça de S.º João |
| 12.—Parochial Igreja de N. S. do Lago | 33.—Praça de S.º Pedro | 56.—Praça de S.º Paulo | 78.—Praça de S.º João |
| 13.—Convento de S.º Francisco de Paula | 34.—Praça de S.º Pedro | 57.—Praça de S.º Paulo | 79.—Praça de S.º João |
| 14.—" de S.º João de Deus | 35.—Praça de S.º Pedro | 58.—Praça de S.º Paulo | 80.—Praça de S.º João |
| 15.—" de S.º Alberto das Carmelitas des. | 36.—Praça de S.º Pedro | 59.—Praça de S.º Paulo | 81.—Praça de S.º João |
| 16.—Praça de S.º João de Deus | 37.—Praça de S.º Pedro | 60.—Praça de S.º Paulo | 82.—Praça de S.º João |
| 17.—Convento de N. S. das Formosas | 38.—Praça de S.º Pedro | 61.—Praça de S.º Paulo | 83.—Praça de S.º João |
| 18.—Parochial Igreja de S.º Antonio | 39.—Praça de S.º Pedro | 62.—Praça de S.º Paulo | 84.—Praça de S.º João |
| 19.—Convento de S.º Antonio | 40.—Praça de S.º Pedro | 63.—Praça de S.º Paulo | 85.—Praça de S.º João |
| 20.—" de S.º Antonio | 41.—Praça de S.º Pedro | 64.—Praça de S.º Paulo | 86.—Praça de S.º João |
| 21.—" de S.º Antonio | 42.—Praça de S.º Pedro | 65.—Praça de S.º Paulo | 87.—Praça de S.º João |
| 22.—" de S.º Antonio | 43.—Praça de S.º Pedro | 66.—Praça de S.º Paulo | 88.—Praça de S.º João |
| 23.—" de S.º Antonio | 44.—Praça de S.º Pedro | 67.—Praça de S.º Paulo | 89.—Praça de S.º João |
| 24.—" de S.º Antonio | 45.—Praça de S.º Pedro | 68.—Praça de S.º Paulo | 90.—Praça de S.º João |
| 25.—" de S.º Antonio | 46.—Praça de S.º Pedro | 69.—Praça de S.º Paulo | 91.—Praça de S.º João |
| 26.—" de S.º Antonio | 47.—Praça de S.º Pedro | 70.—Praça de S.º Paulo | 92.—Praça de S.º João |
| 27.—" de S.º Antonio | 48.—Praça de S.º Pedro | 71.—Praça de S.º Paulo | 93.—Praça de S.º João |
| 28.—" de S.º Antonio | 49.—Praça de S.º Pedro | 72.—Praça de S.º Paulo | 94.—Praça de S.º João |
| 29.—" de S.º Antonio | 50.—Praça de S.º Pedro | 73.—Praça de S.º Paulo | 95.—Praça de S.º João |
| 30.—" de S.º Antonio | 51.—Praça de S.º Pedro | 74.—Praça de S.º Paulo | 96.—Praça de S.º João |
| 31.—" de S.º Antonio | 52.—Praça de S.º Pedro | 75.—Praça de S.º Paulo | 97.—Praça de S.º João |
| 32.—" de S.º Antonio | 53.—Praça de S.º Pedro | 76.—Praça de S.º Paulo | 98.—Praça de S.º João |
| 33.—" de S.º Antonio | 54.—Praça de S.º Pedro | 77.—Praça de S.º Paulo | 99.—Praça de S.º João |
| 34.—" de S.º Antonio | 55.—Praça de S.º Pedro | 78.—Praça de S.º Paulo | 100.—Praça de S.º João |



PLANTA DE LISBOA

Arruinada pelo terremoto de 1755

com o novo plano de reconstrução
dos Architectos

Rugendas e os Barões de Carvalho

Carlos Mardel

100—Praça do Comércio
101—Praça da Figueira
102—Praça da Pedra Cantada
103—Praça do S. João
104—Praça do S. João
105—Praça do S. João
106—Praça do S. João
107—Praça do S. João
108—Praça do S. João
109—Praça do S. João
110—Praça do S. João
111—Praça do S. João
112—Praça do S. João
113—Praça do S. João
114—Praça do S. João
115—Praça do S. João
116—Praça do S. João
117—Praça do S. João
118—Praça do S. João
119—Praça do S. João
120—Praça do S. João

121—Praça do S. João
122—Praça do S. João
123—Praça do S. João
124—Praça do S. João
125—Praça do S. João
126—Praça do S. João
127—Praça do S. João
128—Praça do S. João
129—Praça do S. João
130—Praça do S. João
131—Praça do S. João
132—Praça do S. João
133—Praça do S. João
134—Praça do S. João
135—Praça do S. João
136—Praça do S. João
137—Praça do S. João
138—Praça do S. João
139—Praça do S. João
140—Praça do S. João
141—Praça do S. João
142—Praça do S. João
143—Praça do S. João
144—Praça do S. João
145—Praça do S. João
146—Praça do S. João
147—Praça do S. João
148—Praça do S. João
149—Praça do S. João
150—Praça do S. João

151—Praça do S. João
152—Praça do S. João
153—Praça do S. João
154—Praça do S. João
155—Praça do S. João
156—Praça do S. João
157—Praça do S. João
158—Praça do S. João
159—Praça do S. João
160—Praça do S. João
161—Praça do S. João
162—Praça do S. João
163—Praça do S. João
164—Praça do S. João
165—Praça do S. João
166—Praça do S. João
167—Praça do S. João
168—Praça do S. João
169—Praça do S. João
170—Praça do S. João
171—Praça do S. João
172—Praça do S. João
173—Praça do S. João
174—Praça do S. João
175—Praça do S. João
176—Praça do S. João
177—Praça do S. João
178—Praça do S. João
179—Praça do S. João
180—Praça do S. João

181—Praça do S. João
182—Praça do S. João
183—Praça do S. João
184—Praça do S. João
185—Praça do S. João
186—Praça do S. João
187—Praça do S. João
188—Praça do S. João
189—Praça do S. João
190—Praça do S. João
191—Praça do S. João
192—Praça do S. João
193—Praça do S. João
194—Praça do S. João
195—Praça do S. João
196—Praça do S. João
197—Praça do S. João
198—Praça do S. João
199—Praça do S. João
200—Praça do S. João

Dedicado aos que jamais se rendem.



São Domingo

Hospital

ROSSIO

Carmelitas

Oratório

Patriarcado

Palácio

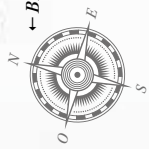
Ópera

Estaleiro

RIO TEJO

← Casa da Moeda (150 m)

← BELEM (7 km)



Castelo

Prisão

Catedral

Prisão da Galé (100 m) →

Alfândega

Terreiro do Paço

Madalena

Carvalho

«Porque um médico é uma pessoa que examina o seu paciente com cuidado, fixa-se também nas circunstâncias dos seus erros, julga o caso com equanimidade, ensina com gentileza tudo o que o penitente deve fazer para evitar pecar, prescreve os remédios necessários para o curar e administra-os com carinho e, ao exercer o ofício de médico, também faz de juiz, de doutor e de pai.»

PADRE FRANCISCO M. FRANCO, 1794

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE: HORA TERCEIRA A SEXTA (das 9h15 às 12h00)

I.	REQUIEM (<i>Requiem</i>)	17
II.	KYRIE ELEISON (<i>Senhor, tende piedade</i>)	37
III.	DIES IRAE (<i>Dia de Ira</i>)	55
IV.	TUBA MIRUM (<i>Trombeta poderosa</i>)	73
V.	REX TREMENDAE (<i>Rei tremendo</i>)	109
VI.	RECORDARE (<i>Lembra-te</i>)	143
VII.	INGEMISCO (<i>Choro e gemo</i>)	179

SEGUNDA PARTE: HORA SEXTA A NONA (do meio-dia às 15h30)

VIII.	CONFUTATIS MALEDICTIS (<i>Condenados malditos</i>)	217
IX.	LACHRYMOSA (<i>Dia de lágrimas</i>)	255
X.	DOMINE IESU CHRISTE (<i>Senhor Jesus Cristo</i>)	293
XI.	HOSTIAS (<i>Sacrifício</i>)	333
XII.	SANCTUS (<i>Santo</i>)	373
XIII.	BENEDICTUS (<i>Bendito</i>)	415
XIV.	AGNUS DEI (<i>Cordeiro de Deus</i>)	435
XV.	LUX AETERNA (<i>Luz Eterna</i>)	457
XVI.	LIBERA ME (<i>Liberta-me</i>)	479
XVII.	DRAMATIS PERSONAE (<i>Personagens do romance</i>)	501
	<i>Nota da autora</i>	507
	<i>Agradecimentos</i>	509
	<i>Bibliografia</i>	511

Esta história desenrola-se em Lisboa e Belém,
a 1 de Novembro de 1755, das 9h15 às 15h30.

PRIMEIRA PARTE:
HORA TERCEIRA A SEXTA
(das 9h15 às 12h00)

I. REQUIEM

(REQUIEM)

«Senhor, concedei-lhes o descanso eterno,
e que a luz perpétua os ilumine.
Louvam-Vos solenemente em Sião e oferecem-Vos
sacrifícios em Jerusalém...»

9h15

No convés de um navio que está a descarregar talhas de azeite e carcaças de gado num armazém do cais sobre o Tejo, um marinheiro lança um olhar pelas sete colinas da capital do reino de Portugal e outro pelos resquícios de nevoeiro cor de cenoura que se dispersa na brisa de nordeste. Hoje é Dia de Todos os Santos, e a alfândega ainda não abriu, mas a tripulação está de pé desde antes do amanhecer, há três horas e meia, quando finalmente conseguiu largar a âncora: naquela manhã, a maré estava duas horas atrasada.

É dia de festa e de feira; além das bandeiras às cores espalhadas pelas ruas, ouve-se o alvoroço dos regateiros, dos vendedores de escapulários e das sardinheiras. O marinheiro ergue o rosto — que exhibe uma estrela tatuada com pólvora — em direcção ao sol que inunda o Terreiro do Paço defronte do Paço Real e aspira o bafo a breu e assado: mal pode esperar por saltar para terra e aproveitar o seu dia de folga.

Leva uma caixinha de madeira no bolso: sente-a formigar e queimar-lhe as calças. Diz-lhe o instinto que talvez valha um tesouro... Conhece um nobre que aprecia raridades como aquela, pois já lhe vendeu outras que trouxe das suas viagens.

Caso acerte, receberá em troca dinheiro que baste para pagar um caldeiro de guisado simples e uma farra na Rua do Capelão, conhecida entre os marinheiros por *Rua Suja* devido aos putedos que aloja.

Mais adiante, o sino de Santa Justa dá os quartos: caso se apresse, conseguirá atravessar a Baixa, cruzar o Rossio, chegar à praça a norte da cidade onde mora o colecionador e usufruir da sua recompensa antes que a maré mude.

9h16

A um minuto a pé do cais, atravessando o Terreiro do Paço em direcção a poente, um martelar que não parou toda a noite e continua, apesar de ser sábado de festa, ressoa no interior de um colosso de sete andares de mármore, com abóbadas pintadas com frescos e colunas revestidas de ouro.

É a Ópera do Tejo, inaugurada há exactamente sete meses: é o coração do reino, como a Patriarcal é a sua alma e o paço, a sua cabeça. El-rei, melómano e mecenas, graças ao maná de ouro que flui das colónias, não olhou a meios para edificar este templo às musas e, desde então, virtuosos e divos orbitam em redor de Lisboa como antes o fizeram em Madrid, Nápoles ou Paris.

Dentro de três dias, estrear-se-á *Antígono*, uma fantasia de vingança e paixão na Antiguidade, escrita por Metastasio, à qual assistirá toda a corte. Como uma criança que quer saber que presentes receberá no Natal, el-rei espiou um ensaio uns dias antes, escondido atrás da cortina de um camarote, enquanto os músicos fingiam ignorar a sua presença.

Os nervos estão à flor da pele, e as disputas ecoam no fosso da orquestra, onde o compositor, Antonio Mazzoni, se envolve numa alteração com o director, David Perez, ao ritmo de uma fuga. Entretanto, o arquitecto do teatro e cenógrafo, Giovanni da Bibiena, dirige os contra-regras que montam a acrópole do rei da Macedónia; no palco, o tenor Gregorio Babbi enfia a sua silhueta de dançarino numa couraça de folha-de-flandres.

— Que fazeis aqui, meu senhor? Julgava-vos a cantar em Santa-rém — surpreende-se Perez ao ver entrar o *castrato* Caffarelli, a voz

de Deus para os seus adoradores e *o caprichoso* para os músicos que lhe aturam as birras. Desta vez, o divo canta no papel de um protagonista, Demetrio.

— Também eu, mas acordei com preguiça — responde este, erguendo os ombros de atleta e puxando para trás a juba: sem mais delongas, começa a aquecer a voz, improvisando variações sobre uma ária que fazem brotar lágrimas de êxtase aos presentes. Depressa se lhe juntam os gorgolejos de outro *castrato*. — Ah não, Luciani! Outra nota em falso e, embora sejais a estrela, juro que vos darei tamanha tarefa que só conseguireis cantar com as sardinheiras do mercado.

Domenico Luciani, que interpreta a princesa Berenice, atira-lhe a partitura à cabeça. E assim, entre remoques e blasfémias, desatam a afinar todas as tessituras de voz de varão, desde o baixo até aos *castrati* de coloratura, pois nenhuma mulher pode pisar o palco como cantora, dançarina ou música; apenas meninos ou actores podem representar ninfas e pastoras. Tem sido sempre assim, e assim será, enquanto existir a Ópera do Tejo.

9h17

A dez minutos da Ópera, subindo pela Rua de São Paulo a noroeste atrás do rio, o tenente Bartolomeu de Sousa, de dezassete anos, suspira no seu posto de vigia, na Casa da Moeda, e passa a mão pelo rosto, ansiando que lhe desponte por fim a barba. Por um momento, deseja tornar-se um dos mancebos que passam a correr pela sua guarita de oficial, aos pulos e gritinhos entre risadas.

O rapaz mastiga uma haste de feno: faltam horas para terminar o seu turno e o dos recrutas a seu cargo. Não lhe importa perder o mistério em frente à catedral, o teatro de marionetas ou os comediantes que vieram de Setúbal, nem as guloseimas, cujo cheiro parece sentir, provindo das bancas da feira do Rossio; só que tinha prometido à namorada um lanche e, a seguir, um passeio à beira-Tejo, ao luar...

O seu dever, porém, é custodiar as barras e o pó de ouro que chegaram da costa do Brasil há um mês. Além disso, como diz o pai, mais ninguém, nem mesmo el-rei, tem o privilégio de pousar as nádegas em cima de uma fortuna de oitenta arrobas e dez contos de ouro, embora a escassez do seu pré não reflecta a seus olhos a importância da sua missão. Até à data, ninguém invadiu a Casa da Moeda com sucesso, nem piratas nem mouros. E Bartolomeu prometeu a si próprio que, enquanto depender dele, ninguém o fará.

Um recruta boceja ruidosamente nas suas costas, ganhando direito a um raspanete do director que os espreita da janela: é esta criatura que determina se o rapaz e os seus recrutas podem descansar ao meio-dia ou têm de permanecer pregados ao lugar mais seis horas.

Sem mexer a cabeça, o tenente empurra a haste com a língua em direcção à outra bochecha. Tem esperança de que a moça espere por ele. E, se assim não for, haverá outras: o dia mal começou e ainda pode trazer-lhe surpresas.

9h18

A dez minutos a pé subindo da Casa da Moeda até à Praça do Rossio, Manuel Madeira de Sousa, director do Hospital de Todos os Santos, verifica se já estão a preparar os caldeiros de sopa de borrego com arroz para o almoço e descobre que um monge está a descarregar várias talhas de um carro junto ao saco de feijão para o jantar. Com satisfação, verifica que sobraram vários quartilhos de leite do pequeno-almoço: com quatrocentos doentes a ocupar os três andares e as doze enfermarias, geralmente não sobra comida.

— Trago compota de pêra para os doentes, por ser Dia de Todos os Santos; é um donativo do Convento da Boa Hora — explica o monge.

— Obrigado, padre; dedicaremos as orações de hoje à vossa comunidade.

Há já uma hora que os médicos terminaram a sua ronda de visitas, e o director inspeciona o piso térreo do edificio com a rapidez que a rotina confere; na lavandaria, ao lado de dois tanques de lavagem, os leigos recolhem lençóis, panos e ligaduras. Em seguida, sobe às salas de São Bernardo e de São Cosme, onde os doentes febris, separados por sexo, acompanham a missa acamados, graças à galeria que vai dar ao altar da igreja no centro do edificio. Posteriormente, passa pela sala de Santo António com as fracturas e, a seguir, pela sala que abriga os sifilíticos; saúda os nobres que ocupam a sala de São Vicente e depois os cuidadores que adoeceram e estão em recobro na enfermaria dos capuchinhos.

Não é necessário percorrer as salas abaixo, que albergam o pessoal e os escritórios, a botica ou a sala de anatomia, que exhibe frascos com órgãos e membros preservados em álcool; até as temperaturas descerem a valer, não voltarão a praticar-se disseções. Visita, porém, a roda dos expostos e o abrigo onde cabem quarenta mendigos; em dias de feira, como hoje, há sempre brigas entre moradores e visitantes que bebem de mais e a seguir partem a mona, mas por enquanto reina a calma dentro e fora do hospital.

— Meu senhor, vinde, por favor — ouve exclamar Manuel Constâncio, um estudante e sangrador, que se aproxima dele no corredor, seguido de muito perto pelo professor Pierre Duffon. — Não posso explicar-vos, meu senhor; tendes de vê-lo. Por aqui, na sala dos alienados...

9h19

No seu gabinete do palácio em frente ao hospital, atravessando a Praça do Rossio na diagonal, Manuel Varejão e Távora, decano da catedral de Elvas e presidente da Inquisição, folheia um panfleto: reza a lenda que, nesse aposento, ficou alojado, em tempos que já lá vão, São Francisco Xavier. Daí lhe chega o gargarejo da fonte e os salmos de São Domingos.

Já ouviu missa ali e, antes de receber uns cónegos de Santarém, aproveita para ler as obras apreendidas naquela semana, com a ajuda de umas lentes de marfim que lhe escorregam pelo nariz de corvo. Algumas estão em latim, português ou italiano, mas outras em inglês ou alemão, e necessitará dos tradutores entre os familiares do Santo Ofício para separar as que merecerão o seu *nil obstat* das que serão incluídas num dos três índices e terminarão numa pira.

A pilha de pasquins e volumes na sua mesa inclui também saines picantes, que incitam à depravação, algo a que, como infelizmente D. Manuel sabe, os lisboetas se prestam de bom grado: mas não o preocupam excessivamente e deixa-os de parte. A perdição da carne não se reveste de tanta gravidade quanto a perda da alma: é aí que o seu trabalho se depara com dificuldades e, sobretudo, com inimigos que minam a fé a partir do estrangeiro. Os seus dedos tropeçam na *Utopia*, de Thomas Moore, uma das centenas de obras apreendidas até agora neste Outono.

Moore, chanceler do reino, teólogo e mártir, cuja defesa da Igreja contra o tirano Tudor lhe custou a cabeça! E, no entanto, também figura no Índice, porque confunde as mentes com as suas teorias sobre a ordenação de reis e povos; o mesmo acontece com Erasmo... Em comparação com eles, os judeus, mouriscos e protestantes causam-lhe menos dores de cabeça do que a insídia propagada justamente por aqueles que deveriam ser campeões da Igreja.

Isto para não falar dos tratados que semeiam a dúvida a pretexto de serem meras obras de ciência ou de história. Malfadado decreto que isenta as obras da Academia de História da censura e que permite a el-rei reverter qualquer sentença da Inquisição!

Moore passa a engrossar a gaveta que armazena Maquiavel, Kepler, Galileu e Espinoza. Enquanto ele viver, jamais as suas obras chegarão ao escaparate de uma livraria, nem à biblioteca de nobres e estrangeirados que as colecionam apenas pelo prazer do proibido.

9h20

No seu quarto, no lupanar que dirige no alto da Rua Formosa, a poucos quarteirões do Rossio, Madriña reza pela alma de D. João V, falecido há cinco anos, e pelo seu filho, o bastardo que perdeu há coisa de 35 anos, quando, com quinze anos, era noviça no convento de Odivelas. Por essa altura, não sabia quem era o cavalheiro que a cortejava através do ralo, nem que a abadessa era sua rival pelo afecto de el-rei. Soube-o quando a gravidez se gorou e a abadessa, prestes a dar à luz um dos «meninos da Palhavã» engendrados por el-rei, a expulsou do convento.

Teve sorte: enquanto viveu, João V concedeu-lhe uma renda que bastava para alugar aquela casinha no Bairro Alto, longe da chusma e das tentações da Baixa. Acostumada à frugalidade das noviças, não lhe custou muito poupar: quando el-rei morreu e a renda acabou, conseguiu comprar a casinha e nela acolher outras mulheres, cuja vida também havia dado para o torto: órfãs, viúvas ou abandonadas, que agora possuíam apenas a louçania do seu corpo.

Abandonadas, mas não perdidas: Madriña renunciou apenas ao hábito, não aos seus hábitos, e insiste na limpeza e no recato das pupilas, que vão confessar-se todos os dias e ouvem missa aos domingos e dias santos. Em vez da sua paróquia das Mercês, onde abundam as beatas, frequentam outra igreja, cujos padres são assíduos no seu estabelecimento, juntamente com oficiais e togados, e todos devem acatar os mandamentos da casa: nem armas, nem licores, nem tabaco, nem blasfémias.

— Madriña, o poço não dá água, apenas lama — ouve dizer à Irlandesa nas suas costas; o pai deve tê-lo sido, a julgar pela cabeleira de cobre que contrasta com a sua tez de angolana. — Que estranho! Nem a vizinha tem; veio com um cântaro para o encher.

— Ora, ela que mande o rapaz à fonte e que nos traga também; já lhe levamos ovos — replica. Termina as suas devoções e, beijando a estampa de el-rei, que comprou por mil réis, coloca-a num altar

e põe-se de pé. — Está na hora: acendei a lâmpada, ponde a mantilha e vamos embora.

Hoje é a festa de Todos os Santos; poderá admirar as relíquias e invocar a sua protecção para as pupilas, sobretudo os cabelos de Santa Ana, padroeira das grávidas.

9h21

No casarão em frente, Eleonora de Carvalho vê se os filhos têm a lição de alemão bem estudada:

— *Sieben plus sechs?*

— Treze! — respondem em português, e em uníssonos, Teresa, de oito anos, Henrique, de sete, e Francisca, de quatro, enquanto o benjamim, José, gorgoleja numa mistura de português e alemão. Ela suspira, mas não se dá por vencida. Está casada há dez anos com um português e vive em Lisboa há cinco, mas, para as víboras da corte, continua a ser a «Condessazinha da Áustria», tal como o marido, que, apesar de ter sido embaixador e agora ministro da Guerra e Relações Externas, não se livra do rótulo de fidalgo e estrangeirado.

A tagarelice da criança trá-la de volta à realidade; acordou com febre, e Nora escuda-se nesse facto para não ir ao Palácio de Belém, como é seu dever por ser dama de companhia. Naquele dia, porém, honram-se as almas, e sente pesar ao lembrar-se das filhas Juanita e Mariana, que morreram antes do quarto aniversário: nem sequer passaram a existir no cartório paroquial.

— Vamos, mais uma vez. Prestai atenção; senão, *es gibt kein Kirmes*¹ — ameaça. Na sala de leitura contígua, ouve-se um pigarrear. De imediato, os refilões calam-se e baixam a cabeça sobre o caderno de aritmética: aos sábados, o pai despacha os visitantes na salinha

¹ Não ireis à feira.

junto ao quarto das crianças, enquanto estas estudam sem fechar a porta, propositadamente.

Naquela manhã, enquanto recitavam as capitais da Europa, ele recebia o chefe da Alfândega e um emissário do Maranhão. Agora, a julgar pelas suas vozes, discute com um tenente-coronel sobre um problema de abastecimento de água. Como tantas coisas, isso seria da competência do ministro do reino, Pedro da Mota, que há dez anos não se levanta do seu leito de inválido, enquanto Carvalho tenta acudir da melhor forma às tarefas do acamado, além de cumprir as suas.

— Que afecte um município ainda vá, mas fiquem quatro sem água é que não se pode tolerar. A causa deve estar no vosso aqueduto, Mardel; reuni, pois, os aparelhadores e averiguai o que está a suceder. Pelo menos as fontes ainda funcionam.

O tom não admite réplica. Nora recolhe uma melena cor de trigo sob a coifa e reprime um sorriso: a obsessão de Carvalho com a eficiência, mais típica de um teutão do que de um português, afecta de igual modo a família, os amigos e os subordinados.

O pequerrucho soluça, e ela aconchega-o, distraída. Se melhorar, irão à missa e depois à feira. O marido prometeu-lhe uma surpresa, porque amanhã Nora fará trinta e quatro anos.

9h22

A sul da Rua Formosa, no Palácio de São Lourenço, no bairro de Santa Catarina, o núncio do Papa, monsenhor Filippo Acciaiuoli, reza no genuflexório do oratório do quarto, enquanto se prepara para a missa das dez.

Distrai-se vezes sem conta a pensar num pasquim que oculta o nome do autor, mas revela em cada linha a mão de um missionário, e em cada ponto o espírito dos jesuítas. É uma diatribe que, a pretexto de se escandalizar com a decadência do clero e de denunciar o desleixo

das autoridades, pretende conquistar a simpatia do povo e, ao mesmo tempo, inspirar-lhes medo e desconfiança.

Apesar do seu carinho por esta cidade — cuja opulência e luminosidade lhe faz lembrar a Roma da sua infância — e do afecto que sente pelos lisboetas, cujo misto de devoção e alegria de viver o cativaram de vez, o núncio deve informar sua santidade não só da política que se vai urdindo na capital, mas também do caruncho que mina os seus alicerces.

O panfleto despertou-lhe a ira não pelas injúrias contra a falta de autoridade da Igreja e, portanto, contra a sua pessoa, mas porque cada crítica encerra verdades que se lhe cravam na consciência como lanças. Corrupção por tudo quanto é sítio, prebendas que recompensam a mediocridade, obras do Índice protegidas — pasme-se! — por bibliotecários de conventos, contrabando de relíquias, e conventos cuja promiscuidade e bastardos nascidos intramuros fariam corar Jezabel. Tudo isso corrói o clero desde a cúpula, e não poria a mão no fogo pela probidade de nenhum dos seus membros.

A isto acresce a praga das lojas maçónicas pagas por escoceses e suíços, que ganham terreno apesar da excomunhão decretada pela bula *Providas Romanorum*. O núncio suspeita de que os ministros que el-rei promove desde a sua ascensão ao trono — como o da Guerra e Relações Externas, Carvalho, ou o da Marinha e Ultramar, Mendonça, influenciados por anos de permanência em países protestantes, como a Inglaterra ou a Holanda — fecham os olhos e ouvidos à sua existência. A vigilância da Inquisição e dos jesuítas liderados pelo padre Malagrida tão-pouco são suficientes para as reprimir... Nem uma nem outro são santos da sua devoção, mas nos tempos que correm qualquer aliado serve para fortalecer a autoridade do Papa.

Sim, deve transmitir tudo isto a Bento XIV sem demora; o dia de hoje vem mesmo a propósito.

RESSURRECTA

1755. LISBOA TREME

O Dia de Todos os Santos amanhece ensolarado e festivo. Nada faz prever que uma série de terremotos de uma intensidade nunca vista destruirá igrejas e palácios. O *tsunami* que os segue, juntamente com o apocalíptico incêndio subsequente, transformará a festa em tragédia para o rei e a sua corte, mas também para galés e prostitutas, monges, damas, cirurgiões, soldados, marinheiros e até mesmo para um pequeno macaco.

História coral e vibrante, mas, ao mesmo tempo, humana, RESSURRECTA narra, minuto a minuto, as seis catastróficas horas que transformaram a História da Europa. Um romance que atinge o coração do leitor sob a aparência de desordem e horror, através de um mosaico das emoções das suas personagens: da responsabilidade do ministro do rei à sede de vingança do réu; do médico assoberbado à jovem que arrisca a própria vida para salvar o seu amado; do *castrato* que canta para as vítimas até à freira que foge do convento para as socorrer. Todos eles serão os pilares da nova Lisboa ressuscitada dos seus escombros.

ISBN 9789897843464



9 789897 843464 >

penguinlivros.pt

  [penguinlivros](#)

 [sumadeletrasportugal](#)



Penguin
Random House
Grupo Editorial

